

**FACULDADE CATÓLICA DE BELÉM**

**CURSO BACHARELADO EM TEOLOGIA**

JEFFERSON LIMA REIS

**OS POVOS DA COSTA – PRIMEIROS CONTATOS COM OS PORTUGUESES – DE CASAMANCE AS LAGUNAS DA COSTA DO MARFIM**

Ananindeua-PA

2020

JEFFERSON LIMA REIS

**OS POVOS DA COSTA – PRIMEIROS CONTATOS COM OS PORTUGUESES – DE CASAMANCE AS LAGUNAS DA COSTA DO MARFIM**

Resumo apresentado à Faculdade Católica de Belém, da disciplina Cultura Afro como requisito de avaliação do Seminário, orientado pelo Prof. Charles Alberto Barbosa de Souza.

Ananindeua-PA

2020

OS POVOS DA COSTA – PRIMEIROS CONTATOS COM OS PORTUGUESES – DE CASAMANCE AS LAGUNAS DA COSTA DO MARFIM

INTRODUÇÃO

A África, embora cercada de séculos de exclusão, de preconceitos e de violência, ela tem uma história; e é não só na história do seu povo que a vida dos negros importa, mas em toda a história universal. “Como a de toda a humanidade, é a história de uma tomada de consciência, mas que precisa ser reescrita” (ZERBO, 2010, p. XXXII), visto que, na prática, pouco se fala desse povo a partir da sua visão; e com menos interesse ainda ela é valorizada e olhada como parte da história dos povos do mundo. O que acaba refletindo na sua vasta história de discriminação, e atualmente nas muitas mortes por parte de pessoas de pele negra.

 É preciso, hoje, mudar a visão colonialista que se tem dos povos da África. “Esse filme desarticulado e parcelado, que não é senão a imagem de nossa ignorância, nós o transformamos, por uma formação deplorável ou viciosa, na imagem real da história da África tal como efetivamente se desenrolou.” (ZERBO, 2010, p. XXXII). Por isso, deve-se recorrer às fontes científicas e históricas deles, capaz não só de apresentar a contribuição e o valor desses povos, como também fazer com que cada homem e mulher de todas as gerações formulem uma consciência negra autêntica e prática de convivência.

Entender que cada história em cada época e lugar, independente corresponde se torna algo imemorável e significativo para um povo específico, e para os povos em geral. Diz Zerbo que “para não substituir um mito por outro, é preciso que a verdade histórica, matriz da consciência desalienada e autêntica, seja rigorosamente examinada e fundada sobre provas” (ZERBO, 2010, p. XXXIII).

OS POVOS DA COSTA

Cabe agora adentrar, ainda que brevemente, na realidade desses povos da costa. O que os caracteriza e os identifica, bem como o modo como se deu seus primeiros contatos com os portugueses, nessa parte costa ocidental da África presente na Guiné, fragmentada por um quantidade variada de etnias. Território que atrairá os colonizadores pelo seu comércio que logo ultrapassará as suas fronteiras, pelo ouro nele encontrado, e o uso da mão de obra escrava como instrumento essencial para a exportação e comercialização.

Entre a região do Casamance até o monte Fakulima da zona alta da Guiné, estão os povos cultivadores de arroz: os Balante, os Joola e os Flup, vivendo em pequenos grupos autônomos. Os Banyun, povos naturais daquela área. Ao sul, estão os Kokoli, ou landumam, também autônomos. E ao interno dominavam os ancestrais dos Tenda: os “Bassari”, os Koniagui, os Bedik e os Badiar, pela sua ruralidade autônoma e prática agrícola e cultivo itinerante

“Os navegantes portugueses que abordaram estas costas na metade do século XV atestaram que eram bastante povoadas. [...] E que essas populações eram adeptas da religião tradicional” (PERSON, 2010, p. 343). Seus cultos se direcionavam ao deus Kru, e adoravam outros ídolos feitos de madeira, além do fato de que era costume fazer um ídolo que se assemelhava a uma pessoa virtuosa que entre eles viveu.

Do monte Kakulima ao território Kru estavam os povos Temne que descendiam dos Capi. Havia os Limba e os Bulom, e ao interior, os Kissi. Eram comunidades também autônomas, organizadas pela linhagem de cada povo. Mais ao longe, nas florestas, se encontravam os povos Kru; praticavam a pesca e tinham uma agricultura pouco desenvolvida que outros povos próximos, ao norte.

Do Futa‑Djalon existe os Sosoe, povos aparentemente isolados e formados por grupos pequenos, e possuindo uma cultura de influência dos povos Mel; politicamente eram pouco estruturados, porém, sua língua logo dominou os povos da costa. “Os Sosoe viveram apartados até que dois fatores viessem romper seu isolamento trazendo rotas importantes de comércio a seu território: a irrupção dos Fulbe (Peul) e a chegada dos portugueses a costa” (PERSON, 2010, p. 351). Chegada portuguesa que mudou drasticamente alterou o curso desses povos, pelo comércio costeiro.

 Serão grupos Mandem que, em meados do século XV, irão se estabelecer na zona florestal da Serra Leoa e Libéria, mesmo antes dos portugueses, provavelmente em 1460, devido ao fato de ser as língua kono e vai serem bem próximas à língua Maninka. É a partir de uma parte desses clãs maninka, se instalando no Konya, e estando a caminho de lá que irá surgir o povo Kono. Já o povo Vai se constituirá pelos maninka que chegaram ao mar na altura do lago Pisu.

Os portugueses, impressionados com a quantidade de suas aves domesticas, chamaram‑nos de “Galinhas”. Estes antigos sudaneses adotaram a civilização dos recém‑chegados, mas parecem ter conservado estrutura política bastante centralizada. Adaptaram‑se bem rapidamente ao novo mundo comercial criado pela chegada dos portugueses, apesar de que inicialmente sua migração sem duvida deve ter sido orientada pela busca do sal e pela pesca. Logo iriam sofrer a invasão de outros sudaneses, os Mane, certamente de mesma origem, mas estes não iriam abalar‑lhes o equilíbrio social (PERSON, 2010, p. 354).

Chegando as ilhas do Cabo Verde, colonizadas primeiro, em 1462, *segundo o modelo da Madeira,* e estando novamente ao comando português, em 1484, pôde ser logo povoado devido seu clima favorável por escravos vindos da Senegâmbia e da Guiné. E mais tarde serão somados 1600 brancos, 400 negros livres e 13700 escravos, instalados nas ilhas de Fogo e Santiago. Sua economia era, então, fundada na criação do gado, na produção do algodão e na pratica africana da tecelagem. Com o tempo passarão a exportar escravos para América, estimados em número de 3000 escravos.

Esse contato com a América e o comércio e exportação de escravos permite entender “as características especificas da colonização portuguesa. Ela se baseava na ideia de um monopólio real do comercio, cedido a concessionários por prazos e regiões bem determinados” (PERSON, 2010, p. 357). Já próximo ao século XVI, os portugueses começaram a se preocupar com a chegada de muitos estrangeiros que periodicamente começavam a vir para o continente africano; por isso, autoridades portuguesas e africanas fizeram um pacto comercial interno, para que irrompesse essa chegada de emigrantes, e pudessem os portugueses se casar com as africanas e lá viverem.

CONCLUSÃO

Chegado a esse ponto, vê-se que em poucas linhas se pode notar uma mudança notável na vida de muitos povos na costa da África ocidental com a chegada e o modo de vida e de “trabalho” dos portugueses, no contato direto com sua forma de dominação. Que não parou por aí, pois além de serem explorados e feridos na sua identidade própria, tiveram ainda sua história contada a partir de uma perspectiva meramente colonialista, de poder.

É nesse sentido que para que se possa evitar a distorção e propagação da história de um povo, desses povos da costa é preciso reescrevê-la a partir deles, numa visão não fechada e manipuladora. É precioso se exigir que toda a história da África “seja enfim vista do interior, a partir do pólo africano, e não medida permanentemente por padrões de valores estrangeiros; a consciência de si mesmo e o direito à diferença são pré‑requisitos indispensáveis à constituição de uma personalidade coletiva autônoma” (ZERBO, 2010, p. LII). Exigência essa que possibilitará ver a história dos povos negros serem integrada, contextualizada e olhada dentro de toda da história universal.

REFERÊNCIA

NIANE, Djibril Tamsir (Ed.) – ***in:*** ***PERSON***. **História geral da África, IV:** África do século XII ao XVI. – Brasília: UNESCO, 2ª ed., 2010.

ZERBO, Joseph Ki-. **História geral da África, I**: Metodologia e pré-história da África. – Brasília: UNESCO, 2ª ed., 2010.